

UM SERTANEJO NA CAPITAL FEDERAL

COELHO NETTO E O RIO DE JANEIRO DOS PRIMEIROS ANOS DA REPÚBLICA

A “SERTANEJO” IN THE FEDERAL CAPITAL

COELHO NETTO AND RIO DE JANEIRO OF THE EARLY YEARS OF THE REPUBLIC

LEONARDO AFFONSO DE MIRANDA PEREIRA | Professor associado do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Mestre e doutor em História Social pela Universidade de Campinas (Unicamp).

RESUMO

Em meio às turbulências políticas dos primeiros anos da República, Coelho Netto publicou o romance *A capital federal*, nos folhetins de *O Paiz*. Tratava-se de um relato supostamente escrito por Anselmo Ribas, um jovem do sertão de Minas Gerais, que visitava pela primeira vez o Rio de Janeiro. Ao invés da civilização e fausto que projetara, Anselmo viu ruas estreitas e feias, e ouviu histórias sobre pestes e epidemias, e assim se propôs a expressar uma visão realista da cidade, que a afastasse das imagens rebuscadas constituídas pelos ideólogos da República. O objetivo deste artigo é entender essa leitura da cidade.

Palavras-chaves: Coelho Netto; Rio de Janeiro (cidade); Brasil – Primeira República.

ABSTRACT

During the political turmoil of the early years of the Republic, Coelho Netto published the novel *A capital federal*, in the newspaper *O Paiz*. The story was supposedly written by Anselmo Ribas, a young man from the countryside of Minas Gerais, who was visiting Rio de Janeiro for the first time. Instead of projected civilization and magnificence, Anselmo saw narrow and ugly streets, and heard stories about plagues and epidemics which induced him to aim at expressing a realistic view of the city, departing from the elaborate images created by the ideologues of the Republic. Understanding this view of the city is the objective of this article.

Keywords: Coelho Netto; Rio de Janeiro (city); Brazil – First Republic.

RESUMEN

En medio a la agitación política de los primeros años de la República, Coelho Netto publicó la novela *A capital federal*, en el periódico *O Paiz*. Era una historia supuestamente escrita por Anselmo Ribas, un joven del interior de Minas Gerais, que visitaba por primera vez Río de Janeiro. En lugar de la civilización y el lujo que había proyectado, vio calles estrechas feas, y oído historias sobre plagas y epidemias y así se propone expresar una visión realista de la ciudad, que se apartan de las imágenes elaboradas por los ideólogos de la República. El propósito de este artículo es la comprensión de esa visión sobre la ciudad.

Palabras clave: Coelho Netto; Rio de Janeiro (ciudad); Brasil – Primeira República.

Em novembro de 1892, poucos dias após o terceiro aniversário da Proclamação da República, aparecia na primeira página do jornal *O Paiz* uma coluna intitulada “A capital federal”. Assinada por um certo Anselmo Ribas, ela trazia, sem maiores avisos ou explicações, as lembranças e sensações do narrador em sua chegada de trem ao Rio de Janeiro. Depois de viajar em um dos “confortáveis vagões de 1ª classe”, ele contava sua excitação ao desembarcar na capital federal: “senti um deslumbramento tal que tive de fechar os olhos”. Vindo de uma “vila” que descreve como uma “pobre terra de bárbaros, alumiada ainda pelas estrelas de Deus e pelas candeias de colza que a intendência manda pendurar em postes”, mostrava-se impressionado com “a luz lactescente das lâmpadas” que iluminavam a estação. “Com que vaidade patriótica, com que enfatuado orgulho chauvinista contemplei aquele supremo clarão”, lembrava Anselmo, dando vivas ao “século das luzes”: “com seiscentos diabos! Isso é que é terra!”. As sensações e expectativas desse homem do interior recém-chegado à capital davam forma a uma narrativa que, como sugerido por um aviso de “continua” no seu fim, seria retomada nos dias seguintes, constituindo o capítulo inicial de um folhetim que tinha por subtítulo “impressões de um sertanejo”. Publicado quase diariamente até o dia 7 de fevereiro de 1893, ele se estruturava a partir dessa premissa inicial, dando a ver o testemunho de um narrador do interior sobre a cidade do Rio de Janeiro que começava a conhecer.¹

A julgar pelo noticiário de outras folhas, a repercussão do romance foi significativa. Segundo o jornal *A Capital*, aquele foi um folhetim “interessadamente acompanhado” pelo público, o que indicaria o sucesso do “aplaudido Sr. Anselmo Ribas”.² Como resultado do “alvorço” com o qual o romance teria sido “acolhido pelos leitores”, poucos dias após o fim de sua publicação *O Paiz* anunciava o início de um novo folhetim do mesmo narrador.³ Uma dúvida, porém, permanecia entre os interessados naqueles escritos: quem era Anselmo Ribas? Ao tratar do folhetim no momento em que ele era lançado em livro (outro atestado do sucesso do romance), um redator do jornal *O Tempo* se interrogava sobre seu narrador: “nome ou pseudônimo?”.⁴ Tratava-se, para o formulador da pergunta, de uma “controvérsia que só pelo tempo será resolvida”. Sem chegar a responder à questão, passava a conjecturar sobre ela:

Seja como for, o certo é que se lia Anselmo Ribas com verdadeiro prazer, convencendo-se logo de duas cousas: de que se apresentando modestamente como sertanejo, o autor conhecia a fundo a nossa capital, estudando-a com grande observação e que se por acaso não fosse bacharel, formado como toda gente, devia ter frequentado cursos superiores, tal a erudição que revelava.

1 Anselmo Ribas (Coelho Netto), A capital federal: impressões de um sertanejo, *O Paiz*, 18 de novembro de 1892.

2 *A Capital*, 17 de fevereiro de 1893.

3 “Miragem”, *O Paiz*, 17 de fevereiro de 1893.

4 *O Tempo*, 20 de agosto de 1893.

Ainda que sem identificar o autor, a nota tratava de desnudar a premissa que estruturava o folhetim: fosse ou não seu autor um sertanejo, seu relato se configurava como um meio de refletir, de um ponto de vista exterior e elevado, sobre a cidade do Rio de Janeiro. Configurava-se, assim, uma perspectiva narrativa que permitia ao autor daqueles escritos se afastar das visões superficiais associadas à capital federal republicana, “cidade-capital” cujo brilho era então projetado como um farol da nação republicana que se afirmava (Neves, 2003).

Àquela altura, no entanto, o mistério não teria mais vida longa. Com o lançamento do livro, a própria imprensa se encarregaria de desfazer a dúvida. Na véspera da notícia publicada por *O Tempo*, a revista literária *A Semana* noticiava também o lançamento do volume, e identificava seu autor: Coelho Netto, “o primoroso estilista, o imaginoso poeta da prosa”.⁵ Poucos dias depois, seria a vez do *Jornal do Brasil* deixar claro que “poucos são os que ignoram que o pseudônimo de Anselmo Ribas esconde um dos nossos mais notáveis escritores”, ainda que não desse seu nome.⁶

Nem precisava. Coelho Netto era, a essa altura, um jovem escritor de talento já reconhecido por seus pares. Após surgir para o mundo das letras com alguns versos publicados na imprensa acadêmica quando era estudante da Faculdade de Direito de São Paulo, engajou-se na capital paulista com a campanha abolicionista patrocinada por Antônio Bento. De lá retornou ao Rio de Janeiro em 1885, onde passou a trabalhar na redação da *Gazeta da Tarde*, folha dirigida por José do Patrocínio que era então verdadeira trincheira do abolicionismo e do republicanismo (Pereira, 2000). Nos anos seguintes, passou ainda por muitos outros jornais, sempre na busca por um espaço de expressão literária de ideais ligados às ideias novas do tempo (Mello, 2007). Dessa forma, *A capital federal* era o primeiro romance do já reconhecido literato, cujo prestígio havia sido assegurado nos anos anteriores tanto por essa intensa produção de contos e crônicas na imprensa quanto pela publicação, dois anos antes, do livro de contos intitulado *Rapsódias* (Coelho Netto, 1942).

Apesar do sucesso alcançado pelo jovem escritor, os primeiros anos da década de 1890 traziam um grande desafio para literatos e jornalistas que, como ele, haviam se colocado nos últimos anos do Império como republicanos radicais. Depois de sonharem com uma transformação que idealmente se daria pela simples substituição do regime de governo, eles testemunharam nos primeiros anos da República o desmoronamento de seus ideais, em desastre expresso pelas contradições e desmandos que marcaram a prática política dos primeiros governos republicanos (Pereira, 2003). No próprio momento em que escrevia *A capital federal*, Coelho Netto via vários de seus colegas de letras, como Olavo Bilac e Pardal Mallet, serem presos e perseguidos pelo governo de Floriano Peixoto. Abrigado sob o republicanismo do jornal *O Paiz*, passou por isso a publicar crônicas leves e aparentemente distantes do universo da política, sob o título “Bilhetes postais”.

⁵ Gazetilha Literária, *A Semana*, 19 de agosto de 1893.

⁶ *Jornal do Brasil*, 27 de agosto de 1893.

Afastado a partir desse momento das discussões propriamente políticas, Coelho Netto passava a dar forma a uma literatura que evitava o enfrentamento. Não é de se admirar, por isso, que ele tenha sido muitas vezes definido como parte de um “filão letrado que se solda aos grupos arrivistas da sociedade e da política, desfrutando a partir de então de enorme sucesso e prestígio pessoal” – como sugere Nicolau Sevcenko (2006). Por estarem “plenamente assimilados à nova sociedade”, autores como ele teriam assumido “o estilo impessoal e anônimo da Belle Époque”, sendo sua produção literária apropriadamente definida como simples “sorriso da sociedade” (Sevcenko, 2006, p. 131). Distante de interesses políticos mais diretos, Coelho Netto seria assim definido por um cosmopolitismo literário acrítico, desinteressado da realidade social.

Em tempos mais recentes, no entanto, outros autores trataram de sugerir uma imagem diversa para o escritor. Ao analisar a própria série “Bilhetes postais”, Ana Carolina Feracin demonstra como, para além das aparências, o autor fazia dela um meio de veicular críticas veladas aos rumos do regime pelo qual tanto lutara (Silva, 2002). Por mais que adotasse um procedimento narrativo cuidadoso, expressando suas críticas alegoricamente sob a forma inofensiva de cartas endereçadas a seus leitores, mostrava não ter aberto mão do impulso de reflexão e intervenção sobre sua realidade.

Pois foi justamente em meio a tal experiência que Coelho Netto escreveu seu primeiro romance, produzido em um momento de inquietação e perigo, no qual se via diante do desafio de equilibrar a precaução em relação à realidade política do momento com a necessidade de expressão literária de seus ideais. Extrapolando as amarras da memória projetada pela posteridade sobre a produção de Coelho Netto, cabe por isso tentar decifrar o testemunho de Anselmo Ribas, de modo a entender como que aquela prosa leve e despreziosa, cuja finalidade única parecia ser o entretenimento dos leitores do jornal, pode ter servido de um canal de expressão de projetos e sonhos mais amplos de seu autor.

AS FANTASIAS DA CIVILIZAÇÃO

Ao ser publicado em livro, o romance apresentava a mesma estrutura básica do folhetim do jornal *O Paiz*, ainda que com alguns acréscimos e complementos. Reproduzia-se assim o relato supostamente escrito por Anselmo Ribas – jovem nascido e criado em Tamanduá, cidade fictícia no sertão de Minas Gerais, que no início da década de 1890 visitava pela primeira vez o Rio de Janeiro. Hospedado na casa de um tio que enriquecera durante o Encilhamento, deixava no livro suas impressões sobre a capital federal, em mecanismo através do qual Coelho Netto estabelecia um olhar crítico sobre a cidade do Rio de Janeiro (Coelho Netto, 1924).

Ainda que a essa altura já fosse de conhecimento público ser ele o autor do romance, fez questão de colocar o nome de seu personagem na assinatura do livro. Ao atribuir a Anselmo Ribas a autoria do volume, o romancista deliberadamente mantinha, no novo suporte, a perspectiva narrativa adotada no folhetim. Desse modo, mais uma vez contava aquela história a partir do olhar de seu personagem sertanejo, que se apresentava de forma diversa daquela do literato. Dizendo-se “incapaz da mais insignificante imagem poética” (Coelho Netto, 1924,

p. 36), Anselmo Ribas mostrava-se de fato bem diferente do autor que lhe dava vida. Através deste artifício, Coelho Netto adotava uma estratégia narrativa já utilizada por autores como Machado de Assis, que antes dele tratou de constituir elaborados personagens-narradores para contar suas histórias (Chalhoub et al., 2003).

Ainda que mantivesse a mesma perspectiva narrativa do folhetim, na forma de livro o romance se apresentava de modo mais elaborado, com acréscimos que se iniciam na sua dedicatória. Uma nota inicial, supostamente escrita em 1893 por Anselmo Ribas na cidade de Tamanduá, dedicava o livro ao “padre Ambrósio Coriolano d’Anunciação Lousada, vigário de Tamanduá, como humilde testemunho de gratidão” pelos conselhos e cascados “com que me abriu a cabeça para que nela entrassem as regras de concordância e os versos de Virgílio” (Coelho Netto, 1924, p. 5). Logo em seguida, em novo adendo ao texto, o narrador transcreve uma breve carta ao tio que antecede o relato propriamente dito – na qual explica que a dedicatória se devia ao fato de que, sem os ensinamentos do padre, “seria ainda hoje tão bronco como o Venâncio Dias, do rancho de Santa Engracia, ou como o José Taborda, da cordoaria” (Coelho Netto, 1924, p. 7). Através de tais mecanismos, Coelho Netto reforçava a ideia de que Anselmo Ribas seria de fato um autor que havia retornado à sua cidade natal, apostando com isso na autonomia de seu narrador.

Outra diferença do livro em relação ao folhetim aparecia logo no segundo parágrafo do primeiro capítulo. Se n’*O Paiz* a ação se iniciava com a chegada do protagonista ao Rio de Janeiro, na edição em livro Coelho Netto inseria uma cena passada ainda no trem, que ajudava a situar todo o enredo: acomodado “nos bancos do expresso”, Anselmo Ribas contava ter viajado ao lado de “dois homens terríveis, de ideias contrárias”. Um deles era descrito como “um rotundo, conservador e católico, saudosos do monarca, bramando contra a indiferença do povo, que deixara partir para o exílio o velho soberano, sem um protesto, sem um tiro ao menos”. O outro era um “livre pensador, formidável em teorias republicanas”, que “discorria sobre as revoluções, reclamando um batismo de sangue, como o de 89, em França, sem o que a república nunca chegaria à consolidação perfeita” (Coelho Netto, 1924, p. 10). Chamado a se colocar em meio aos fortes desacordos entre os dois, Anselmo conta ter encolhido os ombros “para fugir à discussão”. Anunciava-se, com isso, o perfil de um narrador interiorano distante das paixões políticas da capital federal, interessado somente no brilho de civilização que esperava encontrar no Rio de Janeiro, que somente havia visitado por poucos dias ainda na infância, em 1872, quando testemunhou uma epidemia de febre amarela que o havia feito tomar “horror” à Corte imperial (Coelho Netto, 1924, p. 84).

As novidades anunciadas com a Proclamação República pareciam, porém, ter mudado as expectativas do narrador, que desde o início da trama mostrava projetar para o Rio de Janeiro uma imagem de brilho e modernidade. Logo que chegou, Anselmo Ribas foi levado para a casa de seu tio, um “confortável chalet suíço” na praia do Russel, na Glória. Enriquecido da noite para o dia em “transações felizes”, provavelmente ligadas às instabilidades do Encilhamento, o anfitrião vivia confortavelmente de suas rendas, sozinho em uma casa ampla com dois criados e um cozinheiro (Coelho Netto, 1924, p. 23). A riqueza do banheiro, em especial, impressionou Anselmo: ao descrevê-lo como um “santuário da limpeza” (Coelho Netto,

1924, p. 29), viu nele a chance de receber, logo em seu primeiro banho na capital federal, o “batismo da civilização”, capaz de limpar “a barbárie de sua alma ignorante e insaciada” (Coelho Netto, 1924, p. 33-34). No deslumbramento com as luzes da estação ferroviária ao fascínio pela riqueza exuberante da casa do tio, pareciam se confirmar as altas expectativas do narrador em relação à capital federal, que em seus sonhos seria capaz de tirar o país e seus habitantes de séculos de atraso.

Uma grande distância viria separar, porém, a expectativa de Anselmo Ribas daquilo que ele avistaria nas ruas em seu primeiro passeio pela cidade. Levado pelo tio em sua luxuosa carruagem, chegou pela primeira vez à região central da cidade, iluminada então pela luz do dia. “O Rio começava a aparecer-me”, contava o narrador, explicitando uma expectativa que começou a se dissipar no momento em que chegou ao largo de São Francisco. Em suas lembranças, “era uma grande praça quadrada e clara, murada pelos edifícios que reverberavam à luz radiante do sol”, na qual se destacava ao centro “a estátua tosca de um homem, em atitude cheia de solenidade” – que o tio logo lhe explicaria se tratar de José de Bonifácio, “o patriarca da nossa independência”. Ao fundo da praça, lhe apontava ainda o prédio da Escola Politécnica, que representava “a ciência”, em torno da qual se estabeleciam “o comércio, a indústria, o movimento” (Coelho Netto, 1924, p. 62-63). “Com efeito, a vida parecia decorrer do ponto indicado”, lembrava Anselmo Ribas, reconhecendo no ponto em que o tio o levou o coração da própria cidade que começava a conhecer.

Junto ao fascínio com a novidade e o movimento da capital federal, no entanto, começava a se manifestar no sertanejo certo desapontamento. Em frente ao largo viu uma rua “cheia de gente”, que o tio lhe explicou ser a realização de um desejo que manifestara para ele em uma carta: “ver a rua do Ouvidor” (Coelho Netto, 1924, p. 65), a tão falada “artéria da civilização patrícia” (Coelho Netto, 1924, p. 67). Nesse momento, o fascínio gerado por suas elevadas expectativas sobre o Rio de Janeiro começava a desmoronar. “Uma desilusão”, disse ele ao tio, dando início à sua reflexão:

- Então... o que esperavas tu?

- Eu? Uma avenida como as que tenho admirado em gravuras, como as que tenho visto descritas: com grandes casas apalaçadas, ruas cuidadosamente calçadas de mármore... arquitetura e gosto, arte e elegância, e largueza sobretudo, meu tio; largueza, muita largueza (Coelho Netto, 1924, p. 65).

Apertada e escura, a rua do Ouvidor apresentava-se muito diferente daquela imagem moderna de cidade imaginada por Anselmo Ribas. Por mais que encontrasse ali o “luxo dos mostradores”, as novidades das vitrines, os trajes elegantes de alguns transeuntes, a rua ainda parecia para ele muito distante da modernidade esperada. O tio ainda tenta defendê-la, chamando a atenção do sobrinho para alguns de seus encantos – como o fato de que concentrava “todas as forças ativas da nação”, como o comércio, a indústria e a imprensa, de onde escoava sua “seiva intelectual”. Acaba, porém, por reconhecer que ela “não foi traçada por um Haussmann”, sendo um simples “beco” (Coelho Netto, 1924, p. 70). “Parado em meio

da rua, olhando, eu sentia caírem dentro de mim, um a um, todos os meus sonhos ingênuos de roceiro”, relembra o narrador. Enquanto vislumbrava aquela “viela atarracada e sórdida”, mostrava assim sua indignação contra todos que o haviam enganado “com exageradas fantasias e soberbas descrições de um fastígio incomparável” (Coelho Netto, 1924, p. 66-68).

Na decepção de Anselmo Ribas com a rua do Ouvidor, cristalizava-se um sentimento que marcaria suas opiniões sobre a capital federal como um todo. Junto à crítica ao seu aspecto urbano, o narrador dava a ver suas más impressões sobre a população local. Sentindo-se sufocado ao andar espremido por aquelas ruas apertadas, Anselmo maldizia a “promiscuidade terrível” da mistura em meio àquele cenário urbano de “todas as variadas escamas desse camaleão – o povo” (Coelho Netto, 1924, p. 76). Tão distante de seus sonhos de civilização quanto o aspecto físico da cidade, a turba urbana que via pelas ruas, na qual se misturavam os mais diferentes sujeitos, aparecia para ele como uma ameaça, um “inferno”. Já esquecido do luxuoso banheiro do tio, o jovem sertanejo se percebia incapaz de ver naquele “oceano tumultuoso da população” qualquer poesia (Coelho Netto, 1924, p. 77).

Através de um narrador capaz de estranhar uma realidade vivida com naturalidade pelos habitantes da capital federal, Coelho Netto construía um enredo que se estruturava em torno de um questionamento das imagens de civilização associadas à capital federal. Ao observar a cidade ao longo dos oito dias que ali permaneceu, o narrador diferenciava-se de “todos quantos caminharam pelas ruas da cidade excelsa” e que, a partir dessa experiência, “gabam-lhe as maravilhas” (Coelho Netto, 1924, p. 269). Propõe-se, com isso, a expressar em sua narrativa uma visão realista do Rio de Janeiro, criticando os “sonhadores ou mentirosos” – “sonhadores em suma, porque a mentira é um produto do sonho” – que formavam projeções irreais sobre a capital da República (Coelho Netto, 1924, p. 270).

O CAMINHO DA REGENERAÇÃO

Nem só de decepção, no entanto, é feito o romance de estreia de Coelho Netto. Se a decepção de Anselmo Ribas com a capital federal é a marca fundamental de todo o livro, ela é contraposta, ao longo da narrativa, à fala de outro personagem, ao qual o narrador dedica grande atenção: o dr. Gomes de Almeida, “um rapagão de fartos bigodes loiros, pince-nez, sobrecasaca e calça clara”, apresentado pelo tio como “moço de talento e rico” (Coelho Netto, 1924, p. 82). Conhecido por sua “boa prosa”, ele se torna o acompanhante preferencial de Anselmo e seu tio no processo de descoberta da cidade, que o ajuda a entender com sua vasta erudição e suas opiniões filosóficas. Embora o narrador o tenha achado de início um tanto “exagerado”, reconhecia sua inteligência e capacidade de expressão. Do momento em que o conhece em diante, o romance assume assim a forma de um diálogo entre Anselmo e seu interlocutor, de quem ouve com atenção e interesse explicações e perspectivas diversas sobre a vida da capital federal.

Dr. Gomes parece de início corroborar as primeiras impressões negativas do jovem sertanejo sobre o Rio de Janeiro. “Deu-se comigo o mesmo”, explicava a Anselmo ao ouvir dele a sensação de decepção com a capital federal, relatando a decepção que também teve por

projetar nela a imagem de “uma cidade artística, monumental, com abundância de mármore, avenidas, longos passeios abrigados sob toldos, palácios de estilo e fausto clássico”. Por não poder encontrar ali “o espírito, a elegância, a beleza” com a qual sonhara, reconhece que a primeira impressão causada pelo Rio de Janeiro seria a de “uma cidade vulgar, sem nada absolutamente do que lhe emprestara a sua imaginação” (Coelho Netto, 1924, p. 85).

Aos poucos, porém, o dr. Gomes dá nova direção a esse raciocínio. Ao citar os exemplos de Paris e do Oriente, cuja realidade teria também frustrado seus sonhos imaginativos, mostrava ter experimentado, em diferentes lugares do mundo, a mesma sensação de decepção. “Depois que vi o mundo estou convencido de que o Rio de Janeiro é uma bela cidade”, concluía, prevendo que o interlocutor em breve iria concordar que ele “não era tão mau como parece” (Coelho Netto, 1924, p. 93). Desse momento em diante, o romance muda de tom. Guiado por este “ilustre e douto cicerone” (Coelho Netto, 1924, p. 248), que vira sua principal referência e ponto de apoio na capital, Anselmo testemunha uma outra forma de olhar a cidade. Sem deixar de insistir na sensação de decepção, que o acompanha até o fim, o narrador abre espaço para as reflexões de seu interlocutor, que aponta para uma visão do Rio de Janeiro que o jovem não conseguia reconhecer à primeira vista.

Uma das primeiras expressões dessa perspectiva diferenciada do seu interlocutor sobre a cidade apareceria em uma longa explicação dada por ele para Anselmo sobre a própria rua do Ouvidor. Depois de terem se conhecido logo após as primeiras impressões negativas do narrador com a cidade, eles passaram a tarde em conversas no salão da Confeitaria Pascoal. Ao saírem, encontraram a rua com aspecto diverso daquele que causara a decepção do narrador. “Sem a multidão que a cobria quando a deixamos, mostrava-se impudicamente a meus olhos esboroadada e suja”, comentava Anselmo de início, a reafirmar suas más impressões. Ressaltava ainda a presença na rua, naquele final de tarde, de muitos trabalhadores – “homens em mangas de camisa, tisonados, arrastando, com estardalhaço, sólidos tamancos”, com “marmita de lata” ou “pequenos feixes de lenha miúda” (Coelho Netto, 1924, p. 105).

A reiteração da primeira impressão negativa sobre a rua foi interrompida, porém, pelas explicações do dr. Gomes. “É a hora dos operários”, lhe explicava o interlocutor, para quem “as modificações dessa rua acusam-se pelos seus tipos”. Para ele, “a rua do Ouvidor varia de aspecto e de aroma conforme a hora, conforme a gente”: às quatro da manhã, momento em que as casas e vendas se abasteciam, era tomada por “grandes carroças atulhadas de verduras e de frutas, a lenha, os ovos, o pão e, algumas vezes, não raras, rebanhos”; duas horas depois começava a “vida do mercado”, com “bandos de cozinheiro” conversando alto com suas cestas cheias; pouco depois a rua “fedea a lixo quando os grandes carroções da limpeza começam a assear as casas”; às seis e meia apareceriam os meninos a gritar os “pregões dos jornais” e as “primeiras caras femininas” – como as cozinheiras a ir ao mercado, as costureiras em caminho de suas oficinas ou aquelas que voltavam de um mergulho no mar. Pouco depois começavam a aparecer os “caixeiros apressados”, seguidos mais tarde pelos “patrões, pesados do almoço”, e os “capitalistas”. Afigurava-se então, a partir das três da tarde, a rua do Ouvidor em toda a sua diversidade: “a elegância, o espírito, o trabalho, o vício, a miséria” – até que o dia acabava com a volta do “operário que vem dos Arsenais e das fábricas” (Coelho

Netto, 1924, p. 106-111). Se o olhar sertanejo de Anselmo Ribas só percebera na rua uma multidão disforme e confusa, o dr. Gomes tratava assim de explicá-la ao jovem, descortinando a beleza e a força daquela diversidade que assustara o jovem.

Por trás da ambiguidade da postura do dr. Gomes – que concorda com o sentimento de desilusão de Anselmo com a capital federal, mas chama a sua atenção para a beleza singular daquela realidade – escondia-se uma postura em relação à cidade que iria se evidenciar na continuidade da narrativa. Se não era o berço da civilização projetado pela propaganda republicana, o Rio de Janeiro apresentava-se a seus olhos como o espaço perfeito para sua construção. Isso porque era lá que ele podia encontrar o “povo” diverso e multifacetado de que falava em sua descrição da rua do Ouvidor (Coelho Netto, 1924, p. 107). Era sobre ele, em sua opinião, que deveria se dirigir a atenção dos que projetavam para a capital federal o ideal do progresso.

Não que o dr. Gomes visse na realidade desse “povo” algum tipo de grandeza – antes pelo contrário. Por acreditar que “a democracia reduziu tudo a comecinho, a vulgar”, reclamava que o verdadeiro “sentimento artístico” estaria desaparecendo com o progressivo processo de expressão das culturas das ruas. Exemplo disso, para ele, seria a música que ouviam ao fundo enquanto conversavam na Confeitaria Pascoal: “uma triste harpa gemendo sambas” (Coelho Netto, 1924, p. 116). Até mesmo os instrumentos do “puro classicismo” eram assim “espezinhados pela multidão ignara”, que o tocava “com um pires ao lado” e “indiferente à corda que estala, ao compasso que se precipita” (Coelho Netto, 1924, p. 117). Distante de qualquer elevação, o povo que via pelas ruas, com seus costumes e práticas próprias, seria assim um elemento corruptor a macular qualquer possibilidade de civilização.

Era exatamente por isso que recaía sobre esse povo a atenção e interesse do dr. Gomes. Por mais que reclamasse da falta de cultura do povo, não deixava de acreditar que haveria nele a potencialidade para se transformar em “um povo artista como os gregos” – o que seria para ele “uma verdade, posto que desmentida diariamente pela improdutividade e pela inércia estéril”. De seu ponto de vista, o problema tinha por base o fato de que se tratava de um “povo híbrido, sem raça discriminada, sem antecedentes firmes” (Coelho Netto, 1924, p. 147-148). Frutos de uma mistura em que se cruzavam o “glóbulo africano” ligado ao “banzo”, a herança dos “navegadores” com sua atividade, tenacidade e egoísmo, e o “glóbulo virginal do sangue indígena”, o brasileiro teria uma “miséria de origem” que se refletiria na realidade que o dr. Gomes enxergava pelas ruas – em opinião na qual reverberavam concepções raciais sobre os prejuízos da formação nacional mestiça (Schwarcz, 1993). Era assim o esforço de superar esse quadro que explicava seu interesse por aquele povo pelo qual Anselmo Ribas não havia demonstrado, de início, nenhuma simpatia.

Para atingir este fim, o dr. Gomes indicava ao narrador um caminho claro. De seu ponto de vista, o meio de combater esse prejuízo da formação nacional seria a educação – fosse ela a “educação física”, meio de “aperfeiçoar a obra natural” pelo fortalecimento dos músculos e garantia da “saúde e bom humor” do povo, ou a “educação moral”, que “fornece ao homem os conhecimentos práticos do bem e do útil”, aí incluída a “educação cívica”. “O nosso povo, na sua maioria, é ignorante”, explicava o doutor, mostrando ver na população carioca do tempo

uma “massa rude que serve de instrumento aos privilegiados”. Mostrava-se com isso concordar com a avaliação negativa de Anselmo Ribas sobre o decepcionante atraso da população da capital federal, justificava assim a necessidade de um pesado investimento sobre ela para transformar a face da capital e da nação por ela representada. “Antes de fazer arte tratemos de fazer o povo, eis o princípio”, concluía o dr. Gomes (Coelho Netto, 1924, p. 148-150).

Não por acaso, em outro trecho do romance, ele chega mesmo a afirmar que, ao passar “por uma dessas casas de pasto, onde o grosso povo de trabalho se ajunta para comer”, tinha “ímpetos de entrar, sentar-me no mesmo banco, acotovelando estivadores e canteiros, fascinado pela voracidade pantagruélica desses brutos que devoram pratos enormes, com mais apetite do que um de nós, em dias de fome, trincaria uma fatia de caça” (Coelho Netto, 1924, p. 228). Era essa necessidade de mergulho sobre o mundo popular, sobre um povo que definia como um “animal amoroso e puro” (Coelho Netto, 1924, p. 230), pronto a ser iluminado pelas luzes de gente como eles, que Anselmo aprendia com seu interlocutor.

UM OLHAR ELEVADO SOBRE AS COISAS INFERIORES

Por meio de uma cuidadosa elaboração literária, configurava-se no romance uma perspectiva na qual o próprio Anselmo Ribas é colocado na posição de aprendiz, a descobrir através de seu cicerone os mistérios e desafios da cidade do Rio de Janeiro. Parece explicável, por isso, que o próprio narrador comece o livro reconhecendo haver nele muitas páginas “derivadas da sabedoria fecunda do dr. Gomes, de quem guardo saudades e conceitos” (Coelho Netto, 1924, p. 7). Da decepção que demonstrou inicialmente com o atraso e a falta de civilização da capital federal, através da qual Coelho Netto mostrava o limite de um ideal de modernidade republicana que estava ainda longe de estar efetivado, o narrador é aos poucos convencido de um diagnóstico sobre o caminho da necessária transformação da cidade, que passava pelo investimento sobre a suposta incultura de seu povo. Com sua mania de “contemplar da montanha as coisas inferiores” (Coelho Netto, 1924, p. 173), o dr. Gomes mostrava o povo como um desafio a ser enfrentado, cabendo a gente como ele próprio elevá-lo ao olimpo da civilização do qual pensavam olhar o mundo ao seu redor.

Não era de se admirar, por isso, que um crítico como Olavo Bilac, amigo íntimo de Coelho Netto, comentasse em sua “Crônica livre” que era pela boca do dr. Gomes que se expressava de forma mais direta as opiniões do autor do livro e dos membros de seu grupo literário, e não pela do narrador:

Este dr. Gomes és tu, Anselmo, sou eu, somos nós – sois vós todos, ó poucos homens de coragem real que, entre o terror de uns e a estupidez de outros, ainda se dão ao trabalho de percorrer essas linhas, enquanto os canhões revólveres ainda tropejam no litoral... Coelho Netto, a tua alma, em que a fantasia fez ninho, está dentro do dr. Gomes! Está dentro dele o teu sarcasmo gelado, Mallet! Está dentro dele o teu lirismo de ouro, Guimarães Passos! Estão dentro dele o teu arreganho de herói, Luiz Murat, mestre do verso, e a tua ironia de aço, Machado de Assis, mestre da crônica! E é por isso que ele aparece como um

monstro, pesando nas páginas do livro, rebentando o molde da frase, enchendo todo o volume com o espalhafato do seu gesto (Gazeta de Notícias, 12 de setembro de 1893).

Com o cuidado de diferenciar a autoria da narração, Bilac mostra o quanto as opiniões do dr. Gomes expressavam um olhar elevado sobre a cidade que condensaria a perspectiva de toda a geração literária de que ele e Coelho Netto faziam parte. Depois de compartilharem, nos últimos anos do Império, a esperança de uma transformação que se daria de forma pura e simples pelo fim da escravidão e pela proclamação da República (Pereira, 2004), eles testemunhavam a dificuldade de fazer valer estes ideais nos primeiros anos do novo regime – expressas, por exemplo, nos tiros e explosões da Revolta da Armada então em curso, aos quais Bilac faz referência. Era, assim, como uma reelaboração dos ideais desse grupo literário que apareciam as opiniões do dr. Gomes, a apontar para novas estratégias de ação que tinham no investimento sobre o povo da capital federal seu alvo principal. Perdida a crença de que a simples mudança do regime bastaria para transformar a realidade, Coelho Netto e seus pares passavam a tentar investir sobre ela.

O romance se encerra com a volta de Anselmo Ribas à sua cidade natal, desiludido com a capital federal e seu povo. Depois de oito dias frenéticos, ele retornava a Tamanduá passando a valorizar o seu “quarto modesto” e outras “coisas mínimas” para as quais não costumava atribuir muito valor. Lembrado pelo pai de que “a terra não produz perfídias nem calúnias e que viver entre as árvores é bem melhor do que viver entre os homens”, resolve “ficar no campo, lavrando” (Coelho Netto, 1924, p. 265-266). Apesar disso, no entanto, a elaboração narrativa ali desenvolvida ainda daria muitos frutos – que se expressam de forma direta a partir de outubro de 1896, quando o jornal *A Notícia* passa a publicar uma nova coluna semanal assinada por Anselmo Ribas. Intitulada “Semanais”, ela se propunha a fazer aquilo que é anunciado pelo título: discutir, com tom aparentemente casual, os fatos da semana. O fato de que fosse assinada pelo narrador sertanejo, contudo, tornava mais complexo o sentido desse comentário sobre os acontecimentos do tempo – pois era através do personagem elaborado no romance de 1893 que Coelho Netto se propunha a discuti-los.⁷

Mais uma vez, a assinatura de Anselmo Ribas marcava para as crônicas escritas por Coelho Netto um ponto de vista bem claro: como no romance, tratava-se de constituir um narrador que se colocava em posição de estranhamento em relação aos símbolos da civilização. Ligado à simplicidade da vida do interior, o narrador dava a Coelho Netto a chance de discutir, sob uma perspectiva diferenciada, alguns dos consensos ilustrados do tempo. Já ciente dos limites de uma modernidade que tenta se impor por decreto, ele fazia de Anselmo Ribas um meio de lançar sobre ela um olhar que levasse em conta a concretude dos problemas nacionais, vistos pela lente de um ilustrado homem do interior.

7 Trata-se por isso de deixar bem clara a distância que separava a autoria da narração – como em uma crônica na qual afirma não lhe sobrar “espaço para falar do Sertão de Coelho Netto”, em alusão ao livro de contos que lançava na ocasião Anselmo Ribas. Anselmo Ribas (Coelho Netto), “Semanais”, *A Notícia*, 6 de fevereiro de 1897.

Presente em maior ou menor grau em toda a série, tal perspectiva se anuncia logo na crônica de estreia. Ribas se propõe, de início, a discutir as mazelas que impediriam que a América, vista como um “sinônimo de esperança”, continuasse a ser “apenas um celeiro” incapaz de desenvolver civilização própria. Para responder tal questão, o narrador se valia de sua sinceridade para criticar algumas instituições que, no caso brasileiro, não cumpriam seu papel, como o Congresso, a Intendência, o Partido Republicano ou o Conservatório Dramático. Era com tal perspectiva que Anselmo Ribas lançava um olhar sobre a capital federal que deixava transparecer seu atraso e decadência, creditados ao descaso dos governos republicanos:

À Intendência devemos a poeira como a que, há dias, se levantou nas ruas, dando a esta cidade o aspecto africano de um Saara; devemos a falta d'água, devemos o sargaço das praias e o lixo das ruas, devemos o corte das árvores, devemos as cinco pessoas espremidas em um banco de bonde, devemos os pesados caminhões e o preço da carne, devemos o calçamento, devemos as casas elegantes da rua do Senhor dos Passos, devemos, enfim, todos os benefícios que nos assolam desde a praia do Peixe até a febre amarela. [...]. Que importa o lamento do contribuinte, se o fisco tem meios fortes de lhe extorquir as verbas? Para enriquecer o Brasil basta a sua primavera e para embelezá-lo basta-lhe a natureza.

[...]. Quando havemos nós de ver, trêmula, a luz da esperança dos que nos hão de trazer a civilização? [...]. Quando chegará a nossa vez, senhor?⁸

No olhar crítico de Anselmo Ribas sobre o Rio de Janeiro – descrito pelo cronista como um antro de sujeira, desconforto, privação, doença e prostituição – configurava-se um diagnóstico sobre a cidade, expresso originalmente no romance *A capital federal*. Ao perceber o caráter superficial de seus antigos sonhos, cuja realização formal não se fizera acompanhar de uma substantiva transformação do quadro que via pelas ruas, passava a fazer de crônicas como aquelas um meio de lutar pela efetiva transformação daquela realidade urbana.

Para isso, no entanto, mostrava ter aprendido as lições do dr. Gomes. Além de criticar a realidade que via pelas ruas da cidade, passava a dar espaço em suas crônicas a personagens do mundo popular como Chico Bumba, os romeiros humildes da Festa da Penha ou os seguidores de Antônio Conselheiro. Como aprendido com o amigo, o fazia em perspectiva superior, apontando a imoralidade, a fraqueza e a ignorância que via em suas manifestações. Ao mesmo tempo em que se mostrava atento a práticas e tradições que anos antes não teriam lugar na prosa dos literatos de sua geração, mostrava mais uma vez a necessidade de educação desse povo para vencer suas superstições e vícios, de modo a fazê-lo caber nos ideais de civilização que pretendia ajudar a construir. Era por esse caminho de tenso diálogo com o mundo das ruas que Coelho Netto passaria, a partir de então, a tentar transformar a

8 Anselmo Ribas (Coelho Netto), “Semanais”, *A Notícia*, 13 de outubro de 1896.

capital federal. Mais do que afastá-lo da imagem de um esteta distante e desinteressado da realidade social do tempo que foi por tempos para ele projetado, tal opção permitiria que ele participasse a seu modo, em diálogo com as ruas, de um processo de profunda reconfiguração da identidade da cidade – cujo resultado ele mesmo ajudaria a cristalizar, pouco mais de trinta anos depois, em 1928, em um livro de contos sobre o Rio de Janeiro, para o qual deu o título de *Cidade maravilhosa*.⁹

Referências bibliográficas

CHALHOUB, S.; PEREIRA, L. A. M.; CANO, Jefferson; RAMOS, Ana Flavia Cernic. Narradores do ocaso da Monarquia (Machado de Assis, cronista). *Revista Brasileira*, v. 55, p. 289-316, 2008.

COELHO NETTO, Henrique M. *A capital federal (impressões de um sertanejo)*. Porto: Livraria Char-dron, 1924.

COELHO NETTO, Paulo. *Coelho Netto*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1942.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A República consentida*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

NEVES, Margarida de Souza. Uma capital em trompe l'oeil: o Rio de Janeiro, cidade-capital da República Velha. In: MAGALGI, Ana Maria et alii. *Educação no Brasil: história, cultura e política*. Bragança Paulista: Edusf, 2003. p. 253-286.

PEREIRA, L. A. M. Barricadas na Academia: literatura e abolicionismo na produção do jovem Coelho Netto. *Tempo*, Revista do Departamento de História da UFF, Niterói, v. 5, n. 10, p. 15-37, 2000.

_____. Uma miragem de República: sonhos e desilusões de um grupo literário. In: SILVA, Fernando Teixeira da; NAXARA, Márcia; CAMILOTTI, Virgínia (org.). *República, liberalismo, cidadania*. Piracicaba: Editora da Unimep, 2003. p. 53-72.

PEREIRA, Leonardo. *O carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SILVA, Ana Carolina Feracin da (org.). *Bilhetes postais: Coelho Netto*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

9 Por mais que o uso da expressão não constituísse então uma novidade – aparecendo pelo menos em artigos e canções carnavalescas sobre a cidade (*O Paiz*, 16 de fevereiro e 4 de março de 1904), – o livro de Coelho Netto ajudaria a associá-lo definitivamente ao Rio de Janeiro, a partir do reconhecimento de sua singularidade.